mei studies 9º Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies

APEGO EMOCIONAL NO DESIGN DE MOBILIÁRIO: O UPCYCLING COMO FERRAMENTA DE CONEXÃO

Bianca dos Santos Sena e Adriana Yumi Sato Duarte
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil

A CRISE DO DESCARTE E A OBSOLESCÊNCIA PERCEPTIVA

- A indústria têxtil é uma das maiores responsáveis pela geração de resíduos dentro de um modelo económico linear centrado em "extrair, produzir, consumir e descartar".
- Os produtos sofrem de obsolescência perceptiva, um fenómeno que leva o consumidor a descartar objetos ainda plenamente funcionais por os julgar esteticamente obsoletos ou fora de moda.
- Para interromper este ciclo de destruição, é essencial redefinir a forma como os objetos se relacionam com as pessoas, criando narrativas materiais e afastando a produção do anonimato.

A SOLUÇÃO: POLTRONA ENTRELAÇOS E *UPCYCLING* AFETIVO

- A investigação propõe a criação da "Poltrona Entrelaços", um assento híbrido de canto desenhado para otimizar o espaço e garantir um elevado nível de conforto ergonómico.
- O projeto utiliza a prática do "*upcycling* afetivo", reaproveitando roupas e tecidos pós-consumo doados pelo próprio utilizador.
- Ao incorporar materiais que possuem valor afetivo por estarem associados a pessoas queridas ou momentos significativos, o resíduo inerte é transformado num autêntico "artefato biográfico" e numa interface afetiva.

DESIGN EMOCIONAL E DURABILIDADE PSICOLÓGICA

- O desenvolvimento metodológico tem como alicerce o *slow design* e a teoria do Design Emocional de Donald Norman.
- A peça atinge o plano reflexivo da cognição humana, dialogando com a consciência, a bagagem cultural e a memória do indivíduo para contar uma história particular.
- Esta integração da memória e do afeto no material estabelece uma barreira contra a transitoriedade, atuando como um poderoso instrumento técnico de sustentabilidade que prolonga o ciclo de vida do produto.









PATCHWORK: A NARRATIVA TÊXTIL IMPREVISÍVEL

- O estofamento da poltrona é construído através da técnica do patchwork, caracterizando-se pela recusa sistemática na formação de um padrão visual rígido ou geométrico definido.
- Esta ausência de padronização é proposital e assegura que a imprevisibilidade semântica das roupas (texturas, cores e espessuras variadas) expresse a singularidade daquela biografia sem abafar a sua identidade original.
- Para contrabalançar esta assimetria, o móvel é suportado por um rigor técnico estrutural, utilizando espumas adequadas (D33 e D28 Soft), costuras retas reforçadas e um bom acabamento para garantir alta resistência.

IDENTIDADE VISUAL E COMBATE AO GREENWASHING

- A estratégia comunicacional da marca procura materializar os princípios de sustentabilidade de forma atemporal, utilizando o nome "Entrelaços" para representar tanto a costura física das fibras como o vínculo metafórico das memórias.
- A identidade visual adota uma paleta de cores terrosas e orgânicas (verdes musgo, ocre e beges) acompanhada por uma tipografia fluida.
- Esta linguagem gráfica atua como um mecanismo proativo contra o *greenwashing*, garantindo transparência e assegurando que o produto reflete verdadeiramente o seu impacto social e ambiental.

entre laços

#9d9167 #494a20 #e8d1a7



GUIA DE CUIDADOS E A AÇÃO DE DESPERDÍCIO ZERO

- O móvel é acompanhado por um folheto instrucional gráfico de pós-venda, concebido para educar o utilizador sobre a manutenção, limpeza e proteção do material perante a exposição solar.
- Este manual de cuidados converte o consumidor num cuidador ativo do seu próprio legado narrativo.
- Como compromisso ambiental de *zero waste* (desperdício zero), o folheto é impresso em Papel Semente, orientando o utilizador a picotar e plantar o documento após a sua leitura.

VALIDAÇÃO E O PAPEL DO MOBILIÁRIO CONTEMPORÂNEO

- O método foi validado através de um protótipo tridimensional em escala 1:6, construído com painéis de MDF e *upcycling* de roupas usadas.
- O protótipo confirmou o apelo estético da união dos retalhos irregulares e demonstrou que traduzir memórias intangíveis numa linguagem visual tátil protege a peça contra o ciclo das moda.
- O projeto conclui que a sustentabilidade se efetiva não apenas pela tenacidade da matéria, mas pela força da mensagem que um artefato comunica, alinhando a durabilidade emocional com as metas de consumo responsável da Economia Circular.

REFERÊNCIAS

Braungart, M. (2008). Introdução à edição de 2008. In M. Braungart & W. McDonough, Cradle to cradle: criar e reciclar ilimitadamente (pp. 9-21). Editora Gustavo Gili.

Braungart, M., & McDonough, W. (2014). Cradle to cradle: Criar e reciclar ilimitadamente (1ª ed.). Editora Gustavo Gili.

Confederação Nacional da Indústria (CNI). (2024). Economia circular na prática: Guia de implementação segundo a série ABNT NBR ISO 59000. CNI.

Csikszentmihalyi, M., & Rochberg-Halton, E. (1981). The meaning of things: Domestic symbols and the self. Cambridge University Press.

Fletcher, K., & Grose, L. (2011). Moda & sustentabilidade: Design para mudança (J. Marcoantonio, Trad.). Editora Senac.

Fuentes, R. (2009). A prática do design gráfico: Uma metodologia criativa. Rosari.

MacArthur, E. (2017). Rumo à economia circular: O racional de negócio para acelerar a transição (2a ed.). Fundação Ellen MacArthur.

Manzini, E., & Vezzoli, C. (2016). O desenvolvimento de produtos sustentáveis: Os requisitos ambientais dos produtos industriais. Edusp.

Martins, J. R. (2006). Branding: Um manual para você criar, avaliar e gerenciar marcas (3a ed.). Global Brands.

Mont'Alvão, C., & Damazio, V. (2008). Design, ergonomia e emoção. Mauad X; FAPERJ.

Murray, R. (2002). Zero waste. Greenpeace Environmental Trust.

Nações Unidas Brasil. (s.d.). Objetivo 12: Consumo e produção responsáveis. Recuperado em 18 de janeiro de 2026, de https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/12.

Norman, D. A. (2008). Design emocional: Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia. Rocco.

Organização das Nações Unidas (ONU). (2015). Transformando nosso mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. ONU.

Panero, J., & Zeinik, M. (2016). Dimensionamento humano para espaços interiores: Um livro de referência com padrões dimensionais (1a ed.). Gustavo Gili.

OBRIGADA!